

O SENTIDO DA RELIGIÃO ENSAIOS DE FILOSOFIA DA RELIGIÃO E DE TEOLOGIA

Edson Martins¹

RESUMO

Este artigo, tendo como referencial a obra *Filosofia de la religión*, de Paul Tillich, procura apontar qual é o sentido da religião, tomando como base as visões e os conceitos emitidos tanto por teólogos, quanto por sociólogos da religião e demais pesquisadores sobre o assunto. Aborda também a tensa relação entre a religião e a filosofia da religião, que procura compreender e até mesmo criticar os postulados religiosos, mas tomando o cuidado de não tornar-se uma teologia. Além disto, o artigo discute as convergências e as divergências entre a teologia e a filosofia, visto que embora próximas, cada uma delas possui sua especificidade própria. São apresentados ainda os principais assuntos tratados pela filosofia da religião, como a possibilidade do estabelecimento de um núcleo existente em todas as religiões, a questão da existência de Deus e o problema do mal. Por fim, é discutido a pertinência da adoção de um sistema filosófico que sustente a teologia.

PALAVRAS CHAVE: Religião, Filosofia da Religião, Teologia.

ABSTRACT

This article, taking as reference the work of *Filosofia la religión*, Paul Tillich, seeks to highlight what is the meaning of religion, based on the visions and concepts issued by both theologians, as by sociologists of religion and other researchers on the subject. It also discusses the tense relationship between religion and philosophy of religion, which seeks to understand and even criticize the religious tenets, but taking care not to become a theology. Moreover, the article discusses the convergences and divergences between theology and philosophy, as though nearby, each one has its own specificity. Are also presented the main issues in philosophy of religion, as the possibility of establishing a core exists in all religions, the question of the existence of God and the problem of evil. Finally, we discussed the relevance of adopting a philosophical system that sustains theology.

Keywords: Religion, Philosophy of Religion, Theology.

¹ Mestre em Teologia e Educação, Doutor em Ciências da Religião. Coordenador e professor do Bacharelado em Teologia da Faculdade Cristã de Curitiba.

A religião é um fenômeno universal, presente em todas as facetas da vida social. Por sua importância na vida da maioria da população, suscita debates acalorados, tanto por parte daqueles que a professam, quanto daqueles que a rejeitam.

Por constituir-se um elemento importante na vida das pessoas, a religião é estudada em quase todas as áreas do conhecimento, inclusive da filosofia. Procurando respostas para as questões levantadas tanto por religiosos quanto por filósofos materialistas, firmou-se uma área de estudos denominada de Filosofia da Religião.

Procurou-se neste trabalho apontar os conceitos emitidos tanto por teólogos, por filósofos, como por sociólogos, acerca do sentido da religião. Afinal, o que é que fascina tanto as pessoas em suas religiões? O que elas ganham ou perdem no desenvolvimento da vida religiosa? Existe compatibilidade entre fé e razão? Quais os perigos que a filosofia traz para a teologia? Estas e outras perguntas serão respondidas no desenvolvimento do texto.

Como referencial teórico, o presente artigo tem por base o livro ***Filosofia de la religión***², de Paul Tillich, obra que em quatro capítulos trata dos seguintes assuntos: tema e método da filosofia da religião, discussão acerca da essência da religião e suas categorias, a evolução do conceito de religião na filosofia da religião, e por fim, a discussão sobre a ideia de uma teologia da cultura.

Embora tenha Paul Tillich como base, outros autores também são consultados acerca dos assuntos percorridos.

Ver-se-á também a relação entre a religião e a filosofia da religião e os campos de cada uma. A seguir, serão mostradas as divergências e convergências entre a teologia e a filosofia e como deve se processar a relação entre estas duas áreas de estudo. Abordar-se-á ainda as principais questões levantadas e estudadas pelos filósofos da religião, concluindo com o alerta feito por Colin Brown sobre o perigo de ter uma teologia atrelada umbilicalmente a uma determinada filosofia.

É um trabalho incipiente, que embora necessite de um maior aprofundamento, permite apontar para alguns dados que merecem uma discussão.

² TILLICH, Paul. ***Filosofia de la religión***. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1973.

1. O sentido da religião

Em primeiro lugar é preciso definir se a religião tem algum sentido, ou se está ultrapassada, morta e enterrada em sua insignificância, ante todo o bombardeio científico e secular a que tem sido submetida nos últimos tempos. As evidências parecem demonstrar que não, pois que ainda que as manifestações religiosas não sejam as mesmas de séculos atrás, elas continuam mais vivas que nunca. Segundo Rubem Alves, "o que torna a religião mais enigmática ainda é o fato de que apesar de não entender suas origens – ou precisamente por não entendê-las – o homem não consegue se desvencilhar do seu fascínio. Na realidade, não se tem notícia de cultura alguma que não a tenha produzido, de uma forma ou outra".³

Para os teólogos, de modo geral, "há, pois, algo estranho no homem: uma tendência irresistível para o Absoluto leva-o a ser espontaneamente religioso".⁴ Para confirmar a afirmação feita, Konings e Zilles, citam Theodor Steinbuechel que diz: "o homem se inclina sempre: se não ante Deus, ante um dos ídolos que se criaram no Ocidente, que deixou de ser cristão: ante a força, ante o Estado, ante a raça, ante o capital. E quão mortais são estes deuses."⁵

A conclusão a que se chega, é que para os teólogos, não há como não ser religioso, pois há no ser humano uma propensão natural em buscar o transcendente, o sagrado. O sentido da religião é fazer esta mediação entre o homem e o transcendente. Embora não negue o aspecto social, como se verá adiante, a teologia valoriza a experiência individual.

Para os sociólogos, a religião e seu sentido está intimamente ligado às relações sociais. Para Peter Berger⁶, seguindo os conceitos de Rudolf Otto e Mircea Eliade, o sentido da religião está em estabelecer um cosmos sagrado, oriundo do caos e que luta para mantê-lo longe. Assim, conclui ele: "a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo".⁷

³ ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 7

⁴ KONINGS, Johan M. H.; ZILLES, Urbano (Orgs.) **Religião e Cristianismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p. 21.

⁵ Op. Cit., p. 21

⁶ BERGER, Peter. **O dossel sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985, p. 38.

⁷ Op. Cit., p. 41.

Para Émile Durkheim,⁸ "não há religião que não seja, ao mesmo tempo, a cosmologia e especulação sobre o divino. Se a filosofia e as ciências nasceram da religião é porque a própria religião, no princípio, fazia as vezes de ciência e de filosofia....A conclusão geral [...] é que a religião é coisa eminentemente social". Segundo Martelli,

para o sociólogo francês, a própria natureza da sociedade é intrinsecamente religiosa, embora em sentido avesso, quanto ao sentido comum do termo: na realidade, o sentimento religioso venera, na divindade, o todo social. A principal função da religião, a integradora é a própria condição de possibilidade para a constituição da sociedade: portanto, segundo Durkheim, haverá sempre uma religião, pelo menos enquanto existir uma sociedade. Finalmente, a comum concepção de mundo, expressa na dicotomia sagrado/profano, assegura uma sólida ligação entre os homens e torna possível a ordem social.⁹

Para o teólogo católico Urbano Zilles, não dá para negar os dois aspectos da religião: o pessoal e o social, comunitário. A religião pessoal não é pura e simplesmente um produto da imposição social. Porém, não há como negar que "num certo sentido, a religião comunitária precede a individual, porque é da comunidade que o homem recebe as palavras necessárias para definir seu sentimento religioso. [...] Além disso, o homem precisa da comunidade para dar um sentido à sua vida. Não tem sentido para mim o que não o tem para certos outros também. Esta constante necessidade de confirmação faz com que a atitude mais pessoal do homem, sua ligação ao Transcendente, seja, ao mesmo tempo, sua atitude mais social."¹⁰

2. A religião e a filosofia da religião

Segundo Tillich,¹¹ o tema da filosofia da religião é a própria religião, sendo esta ligada à cultura e à ação humana. Porém, se ela aceita a revelação, deixa de ser uma religião e torna-se uma teologia. O problema é que a filosofia da religião não pode tornar-se nem religião e nem teologia, visto que seu papel é questionar, não podendo ficar presa a amarras, sejam culturais ou reveladas.

⁸ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989, p. 38.

⁹ MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

¹⁰ KONINGS, Johan M.; ZILLES, Urbano (Orgs). *Religião e Cristianismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p.26

¹¹ TILLICH, Paul. *Filosofia de la religión*. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1973, p. 9.

Porém, quando se reconhece as diferenças entre elas, transpondo a ingenuidade de querer eleger uma como a única detentora da verdade, é possível achar uma posição sintética, onde religião e filosofia se encontram. Achar este ponto de encontro é tarefa da filosofia da religião.

Seu principal desafio é descobrir o que é válido em matéria de religião, trabalhando junto à história cultural da religião e a teoria sistemática da religião, ou seja: a teologia. Assim, a filosofia da religião é a teoria da função religiosa e de suas categorias. A teologia é a apresentação normativa e sistemática da realização concreta do conceito de "religião" e a história cultural da religião atua como ponte entre as duas. Convém ressaltar que estes três elementos são interdependentes.

Em um outro texto, Tillich¹² diz que a teologia tem duas tarefas básicas a desempenhar: afirmar a verdade da mensagem e interpretar esta verdade para as novas gerações. Ela trabalha indo e vindo entre dois pólos: a verdade de seu fundamento e a situação concreta que vai encontrar. Avançando um pouco mais, é dito que o objeto da teologia é aquilo que nos preocupa de forma última, só sendo teológicas aquelas proposições que tratam de seu objeto na medida em que ele pode se tornar questão de preocupação última para nós.

3. Teologia e filosofia: divergências e convergências

3.1 As divergências

- *Aproximação com o objeto* – O filósofo tenta manter uma objetividade distanciada. Seu objetivo é encontrar uma verdade que seja sujeita à crítica. Já o teólogo está envolvido em seu objeto. Ele o respira, é um comprometido.
- *As fontes* - O filósofo olha a totalidade da realidade para descobrir dentro dela a estrutura da realidade como um todo. Sua bússola é a razão. O teólogo, por sua vez, parte da revelação, que exige fé para ser compreendida.
- *O conteúdo* – Mesmo quando falam do mesmo objeto, a filosofia e a teologia falam sobre algo diferente. O filósofo trata das categorias do ser em relação com o material que é estruturado por elas. O teólogo

¹² TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 13, 28-33.

relaciona as mesmas categorias e conceitos à pergunta por um "novo ser". Suas afirmações possuem um caráter essencialmente soteriológico.

3.2 As convergências

- Tanto a teologia quanto a filosofia reivindicam sua relevância num sentido último para a existência humana. Assim, todo filósofo criativo é um teólogo oculto, na medida que sua intuição do *logos* universal da estrutura da realidade como um todo é formada por um logos particular que aparece a ele em seu lugar particular e lhe revela o sentido da totalidade.
- Não há, segundo Tillich, conflito entre teologia e filosofia, assim como não há síntese, por faltar a ambas uma base comum, citada anteriormente. O termo "filosofia cristã" é muito ambíguo, podendo significar uma filosofia que tem por base o cristianismo histórico; e se for isto, toda filosofia moderna é cristã, mesmo que seja humanista, ateuista ou até mesmo anti-cristã. Mas também pode significar uma filosofia atrelada a uma teologia, o que vai acabar mutilando-a de tal forma que não poderá mais ser chamada de filosofia.

4. O assunto da filosofia da religião

Segundo Geisler e Feiberg¹³, as principais questões examinadas pelos filósofos da religião são estas:

- A primeira diz respeito à natureza da própria religião. Procura responder a seguinte pergunta: há alguma característica definidora ou centro das crenças que se acha em todas as religiões e que é marca distintiva da religião?
- A seguinte é a argumentação em torno da existência de Deus. Emanuel Kant disse que havia somente três argumentos racionais a esse respeito: o ontológico, o cosmológico e o teleológico. Posteriormente, outros acrescentaram o argumento moral.

¹³ GEISLER, Norman L; FEINBERG, Paul D. *Introdução à filosofia – Uma perspectiva cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1983. p. 26.

- O terceiro problema é a discussão sobre os atributos de Deus. Por exemplo: são compatíveis a misericórdia infinita e a justiça infinita?
- A quarta questão é a da linguagem religiosa e seus desdobramentos.
- A quinta e última pergunta importante e que merece a atenção dos filósofos da religião é acerca do problema do mal.

5. Os riscos da adoção de uma filosofia específica por parte de teologia.

Embora não haja teologia sem um escopo filosófico, Colin Brown¹⁴ adverte para os perigos de se aliar a fé cristã por demais estreitamente com qualquer sistema filosófico individual. Ele argumenta citando exemplos de como isso foi feito no passado, em que a filosofia em moda foi introjetada na teologia, causando inúmeros equívocos. O problema é que a teologia foi obrigada a encaixar-se em um determinado sistema filosófico e "mais cedo ou mais tarde, a filosofia que parecia tão cheia de promessas revelou-se em falta. Quando a geração seguinte surgiu, queria saber como seus antecessores puderam ter sido tão tolos ao ponto de levar tão a sério aquela qualidade específica de racionalismo, empirismo, idealismo ou positivismo".

Quando há este atrelamento, há dois aspectos importantes a considerar: de alguma maneira a teologia precisa ser manipulada para se encaixar no esquema filosófico. Algumas coisas precisam ser esticadas e outras cortadas ou esquecidas. Por outro lado quando o sistema se mostra falho, dá-se a impressão de que a fé cristã deva entrar em colapso juntamente com o sistema a que está ligado.

Isto não quer dizer que não haja virtude na filosofia. Há, e muitos, sendo o principal deles o estímulo que dá aos teólogos de repensarem suas posições. A conclusão a que se chega depois de toda esta análise é que é preciso cautela em adotar a última moda filosófica. Mas também não se pode fugir como fazem alguns medrosos pietistas. O correto é olhar cada tendência e avaliá-la com bastante cuidado.¹⁵

¹⁴ BROWN, Colin. *Filosofia e fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1983. p. 184.

¹⁵ Op. Cit., p. 185.

Considerações Finais

Ao final deste pequeno trabalho podemos concluir que se inicialmente parecia haver uma grande divergência entre os teólogos e os sociólogos acerca do sentido da religião, no final vê-se que ambos concordam que a religião possui um vínculo essencial com a sociedade, sendo na verdade uma expressão social, ressaltando que os teólogos enfatizam o aspecto individual na experiência religiosa.

Viu-se ainda que o papel da filosofia da religião é questionar a religião, não podendo ser confundida com a teologia (que tem por pressuposto a revelação) e nem com a própria religião. Porém, isto não quer dizer que não possa haver pontos de contato entre elas, visto que o assunto da filosofia da religião é a própria religião.

Quanto à relação entre a teologia e a filosofia, conclui-se que toda teologia possui um escopo filosófico a embasar-lhe, embora as duas não sejam a mesma coisa, havendo entre elas convergências e divergências. Por fim, ficou o alerta de Colin Brown sobre o perigo de se atrelar demasiadamente a teologia a um dado sistema filosófico de tal modo que esse atrelamento se constitua numa camisa de força que venha ser prejudicial à função da própria teologia.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. ***O enigma da religião***. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BERGER, Peter. ***O dossel sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da religião***. São Paulo: Paulus, 1985.
- BROWN, Colin. ***Filosofia e fé cristã***. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- DURKHEIM, Émile. ***As formas elementares de vida religiosa***. São Paulo: Paulus, 1989.
- GEISLER, Norman L; FEINBERG, Paul D. ***Introdução à filosofia – Uma perspectiva cristã***. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- KONINGS, Johan M.; ZILLES, Urbano (Orgs). ***Religião e Cristianismo***. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- MARTELLI, Stefano. ***A religião na sociedade pós-moderna***. São Paulo: Paulinas, 1995.
- TILLICH, Paul. ***Filosofia de la religión***. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1973.
- TILLICH, Paul. ***Teologia sistemática***. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984.